



FOLHA INFORMATIVA N° 34-2011

***II Jornadas Europeias do Património – Constância 2011
25 de Setembro - “Campos de Memória”***

Outra janela virada ao Tejo...



Domingo de manhã, parte-se para a aventura da descoberta de Constância e despertamos com este olhar...

Não se perdeu ainda na memória dos tempos as memórias destes campos. Neles existiam quintas produtivas de produtos hortícolas, milho, vinho e azeite. Das vinhas já pouco ou nada resta. Apenas vestígios, aqui e ali, de videiras engolidas pela vegetação. Os olivais, esses são bem visíveis, mas também já poucos são tratados e a azeitona apanhada. Nos lagares das quintas que visitámos, a maquinaria inerte, sem vida e sem préstimo, espera melhores dias. Dias em que renasçam num museu vivo...

O percurso pedestre pela parte norte do concelho de Constância inicia-se pela estrada junto ao Tejo. Um pouco à frente do cais, onde permanecem alguns barcos, propriedade da Câmara e do Sr. Sérgio, último avieiro destas “paragens”, tomamos uma estrada ainda mais estreita. Segue pela margem direita do rio, campo dentro. A *Estrada das Malvas* deve o seu nome à enorme quantidade de malvas que cobrem os campos. Aqui situa-se a “Quinta das Almas” num vale virado ao Tejo. Antiga porta de entrada na vila, do lado nascente, a quinta, em ruínas, aguarda recuperação.



Nos anos 60 foi doada pelo benemérito José Lucas, proprietário de muitos terrenos, não só na zona, mas também na Nazaré, à Santa Casa da Misericórdia de Constância. Tendo adoecido em 1962 foi ali internado, pelo que, em apreço pela instituição, lhe doou a propriedade. A casa com apenas 57 m² de área coberta tinha outrora mais dependências associadas, incluindo outras habitações, palheiros e uma ermida perto, a de Santo André. Esta era uma construção barroca dos princípios do século XVIII. Fazia parte de um conjunto de cinco que a vila teve. As

outras eram a de S. Pedro, da qual resta a torre do relógio público, a de S. João Baptista, evocada numa casa de habitação próxima dos Correios, a de S. Sebastião, junto ao Zêzere e a de Sant'Ana, hoje usada como casa mortuária.

A Santa Casa da Misericórdia afirma-se, através do seu Provedor, imbuída no espírito de transformar a quinta num complexo turístico para acolhimento das muitas pessoas que visitam Constância. Presentemente possui um hortalão que cultiva e trata da horta. Resistem ainda algumas poucas árvores de fruto dos anos 50: - uma nespereira, um diospireiro e 75 oliveiras para produção de azeite. Nos terrenos da quinta, uma nascente de água tornava estes terrenos de regadio muito férteis.



A Quinta das Almas vista do Tejo



Bandos de patos reais dão ainda mais vida a estas águas já por si sempre vivas...



O Tejo que nos acompanha ao longo do percurso. Para montante, mais sinuoso...

Curiosamente, o nome de “Quinta das Almas”, advém dos muitos nichos que ainda existem na propriedade. Neles se acendiam velas pelas “alminhas”. No breu da noite cerrada, as chamas trémulas das velas tornavam fantasmagórico o local, já de si ermo e envolto em mistério.



Os muros suportam a encosta que confina com uma ponte. Sob ela corria, outrora, uma ribeira, atualmente, apenas um regato em época de chuva, com os nichos das alminhas e a mina de água que rega a quinta



Contrastes de paisagens que se observam de dentro e fora da quinta

O passeio prossegue. Continua a acompanhar-nos o Sr. Provedor da Santa Casa da Misericórdia, o Sr. Presidente da Câmara e o Eng. Tiago. A observação dos campos, da flora, dos vales do rio e da forma como este interfere na fertilidade das terras está a seu cargo. Falamos da alteração do curso do Tejo, ao longo dos tempos; da estratificação dos solos e da íntima ligação da sua composição com a vegetação autótone e a diversidade de espécies cultivadas; da importância da rotatividade de culturas e da riqueza que constitui as enchentes do rio. Ficamos a saber o significado de “nateiros” – terrenos algo lodosos, considerados agrícolas perto do rio; de “marachas” – zonas de delimitação do rio através essencialmente de canas .

A próxima quinta a visitar será a “Quinta da Gorda”. Desta vez, será o Presidente da Câmara a guiar-nos e estará à nossa espera o antigo capataz, Sr. Fernando que nos falará da sua dimensão, sob o ponto de vista de produção e de entidade empregadora de outros tempos.



Na “Quinta da Gorda” foi explicado pelo Sr. Fernando a labuta do passado e os processos necessários para a manter viva até há 13 anos, quando então encerrou definitivamente.

Perdidos num mundo de silêncio, de casas desabitadas, de muros que vão desabando, ouvimos o relato do dia-a-dia dos trabalhadores da quinta. Com uma energia invulgar conta como o “dia” começava muitas vezes antes do sol nascer e terminava madrugada dentro, como era no tempo da recolha do milho. Nas eiras malhava-se até a lua se recolher de cansaço.

No pino do verão era a azáfama das vindimas. E quando o tempo arrefecia e a azeitona madura tomava o véu negro, contratava-se gente de outras localidades. Começava mais uma “empreitada”.



Quartel onde se instalavam os ranchos que vinham de outras localidades



A estratificação das camadas do calhau rolado existente nos solos com aproveitamento nas construções
Interior do celeiro e eira quase oculta pela erva que entretanto ali cresceu





Lagar de azeite e algumas pipas de vinho aqui abandonadas. A “Quinta da Gorda” produzia azeite e vinho de excelente qualidade. Ainda é uma memória viva, nas populações da região, o sabor da “Quinta da Gorda”



Cruzamo-nos com um grupo em local propício para prática de outras atividades ao ar livre.



E chegamos à “Quinta do Dr. Godinho”. Outra quinta a meio caminho entre Constância e Montalvo.



Montalvo, o Convento das Irmãs Clarissas, “mestres” na confeção dos famosos “Queijinhos do Céu” e um painel de azulejo representando uma cena da vida local



“Quinta de D. Maria”, um projecto de reconstrução da Câmara Municipal, pretendendo reviver memórias do passado



Este lagar deverá de novo entrar em funcionamento para mostrar todo o processo de transformação da azeitona em azeite, com fins pedagógicos. Na quinta serão reconstruídas as pocilgas, tornando-as o “mais vivo” possível com recurso a “modelos” de animais em materiais que à primeira vista parecerão vivos. A eira será “reativada” e toda a



quinta proporcionará experiências reais, como por exemplo a do fabrico de pão.



Um antigo empregado da quinta, explica o complicado processo de fabrico do azeite.

E o passeio prossegue. Deixamos Montalvo e retornamos a Constância.

O sol é quente, mas o arvoredo compensa com alguma frescura o calor da manhã que já vai alta.

Transpõem-se alguns obstáculos, passando ribeiras e subindo encostas suaves. O percurso continua a ser “legendado” pelo Eng.º Tiago que vai explicando algumas diferenças na vegetação e nos solos. Fala dos diferentes percursos pedestres, orientados por si que costuma realizar.





A abundância de rosmaninho e outras espécies campestres tornam o mel produzido no concelho, muito apreciado e de elevada qualidade. A par das tradicionais bonecas de cana de Constância, dos queijinhos do céu e das tigeladas de Montalvo, o mel é um dos produtos “imagem” do concelho. Constância também é conhecida pelas festividades, particularmente pela Procissão em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, que se realiza, anualmente, na segunda-feira de Páscoa e

pelas Pomonas Camonianas, por ocasião do dia 10 de junho em que se recria a época quinhentista com mercados de frutas e flores, saraus culturais, animação de rua e feira de antiguidades.

Eis-nos chegados à “Quinta de Santa Bárbara”, uma quinta do século XV pertença do amigo de Camões, D. Francisco Sampayo e Mello. No séc. XVIII era propriedade dos Jesuítas que aqui viveram até 1759. Atualmente é propriedade privada e funciona como Turismo Rural. Alia antiguidade com modernidade e proporciona, sem dúvida, experiências inesquecíveis.





Zonas envolventes da quinta



A última quinta fica para trás. Entramos na vila pelo seu lado mais elevado e descemos até àquele que será o ponto de despedida, tal como foi ponto de encontro, o Pelourinho.

A manhã passou rapidamente. Percorreram-se aproximadamente 14 Km entre saberes e aromas. Os saberes através das palavras dos nossos “guias” e os aromas colhidos nos campos.

Agora, é hora de retemperar forças com “sabores” à moda de Constância, com umas “Migas Carvoeiras”. Dentro em pouco espera-nos mais um percurso: “Pedra sobre Pedra” que nos

levará ao conhecimento da vila, dos becos, dos miradouros, dos palácios e monumentos, do Museu dos Rios e das Artes Marítimas, dos cantos e do encanto da Vila Poema...



Chegada do grupo no final do percurso “Campos de memória”.

Ana Paula Pinto

Carlos Vitorino